

DN 12.4.56
Globo 6.5.61

História do Sr. Domingues

UM pequeno funcionário do Cais do Pôrto, um guarda, um chofer e um auxiliar de despachante que esperava a chegada do conferente. A roda era esta e o assunto era a história de dois caminhões carregados de contrabando que haviam sido apreendidos, não sei onde.

Houve comentários (que não revelarei) sobre o governador, um ministro, os juizes da Fazenda, o Tribunal de Recursos, etc. Também comentários gerais a respeito do Brasil. E foi no meio de tudo isso que o pequeno funcionário contou a história do português Domingues — que, por sinal, o guarda também conhecia. E essa história creio que vale a pena contar, sem comentar.

O Domingues veio mêço para o Brasil, foi burro-sem-rabo, suou muito, juntou uns cobres e acabou dono de duas leiterias. Quando chegou a altura dos 50 anos, tinha um bom dinheiro no banco e vários prédios. Deu-lhe na telha, então, vender seus bens, deixar de trabalhar e ir viver em Portugal. Para lá foi e, durante alguns meses, entregou-se à boa vida, à boa mesa e ao bom vinho; foi então que «sentiu umas cócegas»: trabalhara a vida inteira, não podia se acostumar a viver ocioso. Passou uns tempos farejando negócios até que resolveu comprar uma leiteria em um bairro de Lisboa.

Quando tomou conta da casa teve uma pequena decepção: a margem de lucro era muito pequena. Mas o Domingues tinha prática do ramo, e começou a ganhar dinheiro. Ia muito satisfeito com seu negócio quando, uma bela madrugada, pelas três horas, entraram-lhe pela casa adentro alguns policiais e um médico do governo e foi lavrado um flagrante: êle estava pondo água no leite. Contratou um dos melhores advogados de Portugal e, graças a isso, estêve apenas um ano na cadeia; mas foi cassada sua licença para negociar e pagou multas tão elevadas que teve de vender seus bens. Logo que se viu livre, nosso bom Domingues voltou para o Brasil para refazer a vida. Com uns cobrinhos que lhe restaram e um pouco mais que um patrício e compadre lhe emprestou, o Domingues abriu uma leiteria no Rio... Está quase rico outra vez.

«E aqui vou morrer, aqui me enterro — diz o Domingues. Isto aqui é que é uma boa terrinha!»

DN - 17.11.67